

UM ESTUDO SOBRE *CARTILHA ANALYTICA*, DE ARNALDO DE OLIVEIRA BARRETO (1869-1925)*

Vanessa Cuba BERNARDES**

RESUMO

Neste artigo, apresentam-se resultados de pesquisa vinculada às linhas "Alfabetização" e "Ensino de língua portuguesa" do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil", coordenado por Maria do Rosário Mortatti. Visando a contribuir para a compreensão de um importante momento da história do ensino da leitura e escrita no Brasil, focaliza-se o método analítico para esse ensino concretizado pelo professor paulista Arnaldo de Oliveira Barreto (1869 - 1925), em *Cartilha Analytica*, publicada pela editora Francisco Alves (RJ), com 1ª edição presumivelmente em 1909 e a última, a 74ª, em 1967. Mediante abordagem histórica centrada em pesquisa documental e bibliográfica, analisou-se a configuração textual dessa cartilha, tendo sido possível constatar as principais características do método analítico nela concretizado e sua influência no ensino da leitura e escrita em escolas primárias do Brasil, ao longo da primeira metade do século XX.

Palavras-chave: Cartilha Analytic. Arnaldo de Oliveira Barreto. Ensino da leitura e escrita. Método analítico. Pesquisa histórica em educação.

1 INTRODUÇÃO

Apresentam-se, neste artigo, resultados de pesquisa em nível de Iniciação Científica, vinculada às linhas "Alfabetização" e "Ensino de língua portuguesa" do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil"¹ e do Projeto Integrado de Pesquisa "Ensino de língua e literatura no Brasil: repertório documental republicano"², coordenados por Maria do Rosário Longo Mortatti.

** Graduada em Pedagogia, pela FFC-UNESP-Marília, em 2003; Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP. CEP 17525-900, Marília, São Paulo – Brasil. vanessa_cubabernardes@yahoo.com.br

¹ Cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil – CNPq. Certificado pela UNESP. O GPHELLB se organiza em torno do tema geral, método de investigação e objetivo geral que são comuns a todas as pesquisas de seus integrantes. O tema geral – ensino de língua e literatura no Brasil – se subdivide em cinco linhas de pesquisa: "Formação de professores de língua e literatura (inclusive alfabetizadores)"; "Alfabetização"; "Ensino de língua portuguesa"; "Ensino de literatura"; e "Literatura infantil e juvenil". O método de investigação está centrado em abordagem histórica, com análise da configuração textual de fontes documentais.

² Concluído em julho de 2003; apoio e auxílio financeiro CNPq e auxílio FAPESP.

Com o objetivo de contribuir para a compreensão de um importante momento da história da alfabetização no Brasil, focalizei a proposta para o ensino da leitura³ apresentada pelo professor paulista Arnaldo de Oliveira Barreto (1869-1925) em *Cartilha Analytica*⁴, publicada pela editora Francisco Alves (RJ), com 1ª. edição presumivelmente em 1909⁵ e a última localizada até o momento, a 74ª, em 1967.

Mediante abordagem histórica centrada em pesquisa documental e bibliográfica, desenvolvida por meio de procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação de fontes documentais e de leitura da bibliografia especializada sobre o tema, elaborei um instrumento de pesquisa⁶ e analisei a configuração textual da cartilha, o que consistiu em enfocar todos os aspectos constitutivos de seu sentido, tendo sido possível constatar as principais características do método analítico nela concretizado e sua influência no ensino da leitura e escrita em escolas primárias de vários estados brasileiros, ao longo de mais de cinco décadas.

Objetivando compreender, não apenas o conteúdo dessa cartilha, mas também o conjunto de aspectos que constituem o discurso nela contido, o método de análise adotado deriva do conceito de configuração textual, que se refere ao

[...] conjunto de aspectos constitutivos de determinado texto, os quais referem-se: às opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais-formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?), que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê), visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor (para quem?) e logrando determinado tipo de circulação, utilização e repercussão. (MORTATTI, 2000a, p. 31).

³ "Ensino inicial da leitura" ou "ensino da leitura" eram expressões utilizadas à época de Barreto para designar o processo que atualmente denominamos "alfabetização".

⁴ Nesta e nas demais citações do título e trechos da cartilha em análise, bem como de termos, expressões e trechos extraídos dos documentos consultados, mantenho a ortografia de época.

⁵ Devido ao fato de que na época em que foi publicada a 1ª edição dessa cartilha não era habitual a indicação do ano de publicação, por meio de leitura de outros textos foi possível presumir que a publicação da 1ª edição da cartilha tenha ocorrido no ano mencionado.

⁶ Esse instrumento de pesquisa contém um total de 145 referências bibliográficas. Dentre esse total, 110 referências são de textos de Barreto, publicados entre o período de 1896 e 1955. As demais 35 referências são de textos em que há citações de textos de Barreto, menções e homenagens a esse educador e informações sobre sua vida e obra escritos por outros autores, entre 1903 e 2001. Ver: BERNARDES, 2002.

Os resultados da análise do conjunto dos aspectos constitutivos da configuração textual de *Cartilha Analytica* permitiram compreender os conceitos e princípios teóricos subjacentes

ao modo de processar o método analítico⁷ para o ensino da leitura defendido por Barreto e constatar que essa cartilha foi um importante material didático para o ensino da leitura utilizado por muitos professores, não somente no Estado de São Paulo, mas também em outros estados brasileiros, que defendiam o método analítico ao longo da primeira metade do século XX, o que a torna representativa de um importante momento da história da alfabetização no estado de São Paulo.

2 ASPECTOS DA VIDA E ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE ARNALDO DE OLIVEIRA BARRETO⁸

Arnaldo de Oliveira Barreto nasceu em Campinas-SP, em 12 de setembro de 1869, e faleceu na cidade de São Paulo, em 1925. Era filho de um farmacêutico gaúcho, Antonio Jesuino de Oliveira, e de Aristhéia Brazilian de Lemos Barreto, natural do estado da Bahia, e irmão de René de Oliveira Barreto, também educador paulista e escritor de livros didáticos.

Iniciou seus estudos, aos sete anos, no "Collégio Morton", em Campinas. Em 1889, após ser aprovado com distinção nos exames de suficiência, matriculou-se na Escola Normal de São Paulo, tendo-se diplomado em 1891. Em 1894, passou a reger uma das classes da Escola-Modelo do Carmo, anexa à Escola Normal de São Paulo. Em 1896, encarregado pelo Secretário do Interior, reorganizou o Grupo Escolar de Lorena-SP e, em seguida, voltou a ocupar seu cargo de professor naquela escola-modelo. Em 1897, atendendo à solicitação do diretor da Escola Normal de São Paulo, tornou-se inspetor das escolas anexas desse estado.

⁷ Os métodos analíticos para o ensino da leitura seguem o caminho do "todo" para as "partes" e consistem em uma "[...] maneira de ensinar introdução à leitura que começa com unidades completas de linguagem e mais adiante as divide em palavras ou as palavras em sons". Diferentemente deles, os métodos sintéticos seguem o caminho das "partes" para o "todo" e consistem em "[...] ensinar introdução à leitura começando por partes ou elementos das palavras, tais como letras, sons ou sílabas, para depois combiná-los em palavras." (HARRIS; HODGES, 1999, p. 182, 185).

⁸ As informações constantes deste tópico foram extraídas de: Melo (1954); Mortatti (2000a); D'Ávila (1945) e Revista de Ensino (1902).

No período de 1902 a 1904, foi redator-chefe da *Revista de Ensino*, órgão da Associação Beneficente do Professorado Público Paulista e que se tornou um dos veículos responsáveis pela propagação do método analítico para o ensino da leitura. No período de 1915 a 1925, organizou a Coleção Biblioteca Infantil, da Companhia Melhoramentos/SP, tendo recriado 28 contos para essa coleção; em 1924, organizou o catálogo dessa coleção. Nos anos de 1924 e 1925, ocupou o cargo de diretor da Escola Normal da Praça da República.

Ao longo de sua atuação profissional, Barreto se destacou pelo conjunto de importantes atividades que realizou, especialmente por sua produção escrita em que se destacam as relativas ao ensino da leitura: cartilhas e livros de leitura; artigos para revistas; textos pedagógicos traduzidos; e contos infantis recriados.

3 APRESENTAÇÃO DE *CARTILHA ANALYTICA*

3.1 Aspectos gerais

Cartilha Analytica, escrita por Arnaldo de Oliveira Barreto e publicada pela Francisco Alves/RJ, destinava-se ao ensino inicial da leitura a crianças na fase inicial de escolarização.

Foi analisado um exemplar da 27ª edição, de 1926 (exemplar mais antigo que localizei), no formato 20,5 por 15cm, com 93 páginas seguidas da transcrição de um documento, "Modelos de lições", que ocupa as páginas 94-101, além de um apêndice que ocupa as páginas 101-106.

Na capa do exemplar analisado, sobre um fundo pardo, tem-se a ilustração, em preto e branco, de uma garotinha deitada de bruços segurando um dentre nove cubos, os quais contêm as letras do título da cartilha.

Na parte superior da página de rosto há o título da cartilha, seguido pela informação: "Baseada sobre rigorosos principios pedagogicos", após a qual tem-se o nome do autor, o número da edição e, logo abaixo, a seguinte informação: "Completamente refundida e posta de accôrdo com as instrucções recommendadas pela Directoria Geral do Ensino Publico de S. Paulo".

Na quarta-capa, apresenta-se o “Extrato do catalogo da Livraria Francisco Alves”, em que são reunidos os títulos de cartilhas e de livros de leitura, seus respectivos preços, que variam de \$600 a 3\$500, e respectivos autores, a saber: Hilário Ribeiro, Thomaz Galhardo, Felisberto de Carvalho e Arnaldo Barreto.

Na terceira página, há a seguinte dedicatória: "AO OSCAR THOMPSON o mais decidido propagandista, no Estado de São Paulo, do ensino da leitura pelo methodo analytico e AO THEODORO MORAES o seu mais fino executor, como preito da mais justa homenagem, offerece o ARNALDO.”

Segue-se outra página, com duas epígrafes:

Não merece o nome de professor
aquelle que, para ensinar, não recorre
aos processos mais de accordo com as
leis do espirito.

Aphorismos de Pestalozzi

- Cultivae as facultades em sua ordem natural; formae primeiro o espirito, para instruil-o depois.
- Primeiro a syntese, depois a analyse. Não a ordem do assumpto, mas sim a ordem da natureza.

e uma espécie de advertência:

Para bem entender-se o methodo processado neste livro, é indispensavel a leitura do que vae dito nas ultimas paginas, nas instrucções da Directoria Geral do Ensino, que, com a devida auctorização, transcrevemos nesta Cartilha.

Como já informei, ao final da cartilha o autor transcreve um documento, intitulado “Modelos de lições”, que se estende da página 94 à página 101 e é assinado pelos professores paulistas Mariano de Oliveira, Ramon Roca Dordal e Arnaldo de Oliveira Barreto. Esse documento é antecedido pela seguinte observação de Barreto: “[...] instrucções recommendadas aos professores do Estado de S. Paulo, para o ensino da leitura pelo methodo analytico.” (BARRETO, 1926, p. 95).

O documento “Modelos de lições” é de fato, transcrição adaptada do documento *Instrucções praticas para o ensino da leitura pelo methodo analytico* — Modelos de lições, assinadas pelos professores Mariano de Oliveira, Ramon Roca Dordal e Arnaldo de Oliveira Barreto. As *Instrucções praticas ...* foram expedidas, presumivelmente em 1914,

em razão da oficialização do método analítico para o ensino da leitura nas escolas públicas paulistas que ocorreu durante a gestão de Oscar Thompson (1909-1910) na Diretoria Geral da Instrução Pública do estado de São Paulo e estabelecem, por meio de “modelos de lições” baseados em cinco passos bem detalhados, orientações para a processuação do método analítico para o ensino da leitura e escrita.

Na condição de um dos signatários desse documento, Barreto nele se baseia para a elaboração da cartilha em análise, na qual concretiza os “passos” propostos nas *Instruções praticas ...* e acrescenta outros.

Após o documento "Modelos de lições" (p. 94-101), o autor apresenta uma espécie de apêndice, que se estende da página 101 à página 106 e contém uma “observação importante” e orientações intituladas “Como se devem dar as lições no quadro negro”.

Um aspecto importante da cartilha refere-se às ilustrações. Embora não haja nenhuma menção ao nome do ilustrador, a cartilha é extensamente ilustrada com 283 estampas⁹, que estão relacionadas com o conteúdo das historietas da cartilha.

As estampas são partes importantes dessa cartilha, uma vez que, como se observa nas instruções comentadas acima, é por meio de sua observação que o professor deveria levar os alunos a enunciarem sentenças que formarão as historietas¹⁰; são também as estampas que auxiliam os alunos a recordarem as palavras já aprendidas.

3.2 As lições da cartilha

Cartilha Analytica, propriamente dita, inicia-se com a apresentação de três historietas dispostas, respectivamente, nas páginas 9, 10 e 11. Nessas historietas, as sentenças são numeradas e escritas com letra manuscrita vertical, maiúsculas e minúsculas. No restante da cartilha, as sentenças das historietas continuam sendo numeradas, mas é utilizada a letra de imprensa; a letra manuscrita vertical volta a ser utilizada apenas nas páginas 29, 35, 73, 74 e 77, para apresentar, respectivamente, letras do alfabeto, dias da semana, meses do ano e um pequeno poema.

⁹ “Estampa” era a denominação utilizada à época pelos autores, para se referirem a gravuras representativas de objetos, pessoas e situações utilizadas pelos professores no ensino das matérias escolares.

¹⁰ “Historieta” é um conjunto de sentenças em que “[...] o objecto lógico de uma seja empregado como sujeito da sentença immediata, formando o todo uma pequena história descriptiva do objecto ou estampa que sirva de assunto da lição”. (OLIVEIRA; DORDAL; BARRETO apud BARRETO, 1926, p. 95).

Na parte superior da página 9, antes da apresentação da primeira historieta, têm-se estampas menores que ilustram crianças brincando de futebol e, ao lado das sentenças, há uma estampa de tamanho maior, representando um menino que segura uma bola azul em suas mãos. A historieta é a seguinte:

1. Eu vejo um menino.
2. Este menino chama-se Paulo.
3. Paulo tem uma bola.
4. ?Vocês estão vendo a bola?
5. A bola é azul.

As historietas que se seguem têm a mesma estrutura da transcrita acima: sentenças de estrutura sintática simples, em que a coesão é resultante da transformação do “objeto lógico” da sentença anterior em sujeito da sentença subsequente.

Na página 13, há algumas sentenças da historieta apresentada na página anterior. Essas sentenças estão dispostas em colunas verticais, com destaque para as palavras, e, em seguida, há novas sentenças formadas com as palavras das historietas já estudadas, assim como propõe o 2º passo de “Modelos de lições”, exposto anteriormente.

Na página 29, apresentam-se, pela primeira vez, as letras do alfabeto. Essa apresentação obedece à "ordem clássica do alfabeto", dá-se por meio de sentenças e com auxílio de estampas e inclui as letras “A”, ”B”, “C”, “D”, “F”, “G”, “J”, e “K”, as quais são apresentadas em letra de imprensa, maiúscula e minúscula, e em letra manuscrita vertical minúscula, formando a sílaba que inicia o nome dos objetos representados nas estampas utilizadas. Apresentação semelhante volta a aparecer na página 35, com as letras “L”, “M”, “N”, “P”, “Q”, “R”, “S”, “T”, “V”, “X” e “Z”.

Na página 31, há uma seqüência de estampas representando "coisas" cujos nomes se iniciam com a sílaba "bo", extraída da palavra "boneca", que integra sentença da historieta apresentada anteriormente na página 30; abaixo das estampas vem a seguinte informação: "N.B. — Escrever nesta lição, assim como nas demais, idênticas, no quadro negro, os nomes das coisas representadas pelas estampas.” (BARRETO, 1926, p. 31).

Essa informação remete às orientações apresentadas no 3º passo de “Modelos de lições”, no qual os autores explicam que, antes de estudar a sílaba inicial de uma palavra, é necessário retomar os 1º e 2º passos e fazer com que os alunos leiam as palavras das sentenças dispostas em coluna vertical, solicitando-lhes que enunciem cada palavra

vagarosamente e indagando-lhes em quantas vezes proferem e com que sílaba se inicia cada palavra, para, então, iniciar o estudo da sílaba inicial da palavra destacada da historieta.

Concomitantemente à apresentação das sílabas, o professor deverá levar os alunos a formarem novas palavras iniciadas com a sílaba em estudo e, posteriormente, com essas palavras, formarem sentenças e historietas.

Na página 40, algumas palavras retiradas da historieta da página 39, são apresentadas num quadro, separadas em sílabas e, na seqüência, há algumas palavras formadas com as sílabas dispostas no quadro, o que sugere ao professor a execução do 4º passo de “Modelos de lições”.

Diferentemente de “Modelos de lições”, porém, há, na cartilha, abaixo do quadro, estampas representando os objetos a que se referem as novas palavras formadas com as sílabas dispostas no quadro.

Na página 80, apresenta-se uma relação de "palavras rimadas" que se diferenciam apenas em uma ou mais letras no início da palavra, assim como proposto no 5º passo de “Modelos de lições”.

Encerrando a cartilha, propriamente dita, nas páginas 81 a 93 apresentam-se textos de outros autores, tais como: o poema “Minha vida”, de Zalina Rolim; um poema, sem título, de Manuel Bernardes; "contos da Carochinha"; adivinhas; quintilhas.

4 PRINCÍPIOS E CONCEITOS BÁSICOS DO MÉTODO ANALÍTICO CONCRETIZADO NA CARTILHA

Como apresentei anteriormente, o método analítico para o ensino da leitura e escrita concretizado por Barreto inicia-se com a formação e leitura da historieta, a qual resulta da coordenação de sentenças enunciadas pelos alunos, provocadas e escritas no quadro-negro pelo professor, após observação de uma estampa que retrate uma personagem, um objeto, uma ação ou uma situação do conhecimento dos alunos.

É importante destacar que a observação é um procedimento característico do método intuitivo que passou a fazer parte das reformas do ensino do estado de São Paulo desde as últimas décadas do século XIX, fundamentado, sobretudo, no pensamento do educador suíço Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827).

Partindo do pressuposto de que as crianças, ao entrarem na escola, aos sete anos, já alcançaram níveis de desenvolvimento da visão, audição, fala, coordenação motora, memória, comunicação, intelecto e já adquiriram, pelas experiências já vivenciadas em seu meio, um rico vocabulário com que sabem traduzir seus desejos e emoções, Barreto propõe que se lhes apresente uma estampa ilustrativa de um objeto de seu conhecimento e interesse, para que, ao observarem essa estampa, as crianças sejam capazes de enunciar sentenças acerca de seu conteúdo. Essas sentenças enunciadas pelas crianças traduzem o pensamento, o conhecimento das crianças sobre o que se representa na estampa.

Isso ocorre porque, segundo Barreto (1916, p. 1),

O elemento ideal mais concreto ao cerebro de uma criança é a sentença. Não, porém, qualquer sentença, e sim aquellas que, na sua experiencia pre escolar, já fazem parte do seu dominio intellectual, ahí impressas por duplices e triplices associações dos sentidos. Em regra geral, só entendemos o que podemos exprimir e só exprimimos o que entendemos.

É importante ressaltar que o professor, desde a primeira estampa apresentada, deve ir conduzindo a observação e descrição da estampa por parte dos alunos, de modo tal, que as sentenças por eles enunciadas relacionem-se umas com as outras e formem uma historieta, a qual, para Barreto, deve ser o “todo” no processo de análise até as “partes”. Esse é um princípio central do método analítico defendido por Barreto.

De acordo com esse princípio, portanto, deve-se iniciar o ensino da leitura à criança levando-a a “[...] ler, primeiro, OS SEUS PROPRIOS PENSAMENTOS; depois, à proporção do desenvolvimento do seu espirito de analyse, provocado pelos PASSOS aqui determinados, ler OS PENSAMENTOS ALHEIOS”. (OLIVEIRA; DORDAL; BARRETO apud BARRETO, 1926, p. 95, grifos dos autores).

Concluído o 1º passo, o professor deverá seguir com o 2º passo: dispor algumas sentenças da “historieta” já estudada em colunas verticais, dando destaque a cada palavra — “[...] expressão escripta da idéa [...]” (BARRETO, 1924, p. 246) — das sentenças e solicitar que os alunos formem novas sentenças com essas palavras, iniciando, assim, a ampliação do vocabulário-auditivo em vocabulário-visual.

No 3º passo, o professor deverá solicitar aos alunos que enunciem vagarosamente cada palavra percebendo em quantas vezes proferem e com que sílaba se inicia cada palavra. Nesse momento, de acordo com Barreto (1924, p. 247):

A criança tem consciencia do som-palavra com que nomeia cada uma de suas idéas. Mandando-a proferi-lo vagarosamente, ella fatalmente só o poderá fazer pelo seus elementos phonicos, que são as syllabas. Ora, desde o inicio, o ensino da leitura pelo methodo analytico foi um ajustamento de juizos a sentenças e de idéas a palavras. Era o essencial para a finalidade da leitura, como se definiu. O ajustamento, sem nenhum inconveniente, porque a elle já trenada a criança, poderá ser agora continuado, pois, de cada parte da palavra, ou de cada syllaba que a integra.

No 4º passo, o professor deve propor que os alunos formem novas palavras com todas as sílabas das palavras dispostas no quadro, ampliando o estudo da sílaba.

Para o aluno ampliar o seu "vocabulário-visual", isto é, ser capaz de associar a idéia e o som já conhecidos à imagem/representação gráfica da palavra, faz-se necessário que veja a palavra escrita, ouça-a, emita-a em voz alta, escreva-a, apreenda o seu significado e, assim, ajuste “ cada um a cada um, e todos em conjuncto, os quatro elementos que constituem a totalidade da palavra, isto é, o ouvido, a impressão labial, a imagem visual, e a impressão muscular: ouvir, enunciar, vêr e escrever. (BARRETO, 1924, p. 245).

Isso explica por que Barreto (1916) e Oliveira, Dordal e Barreto (apud BARRETO, 1926) propõem que seja feita, após a leitura, a cópia das lições transcritas no quadro-negro.

Um bom methodo de leitura deve exercitar simultaneamente todo o polygono mental, incluindo a escripta, como elemento intensivo de fixação da imagem visual pela do movimento, que é o maior polarizador da attenção [...] (BARRETO, 1916, p. 1).

No 5º passo, o professor busca, por meio do estudo de "palavras rimadas" que apresentam diferenças de uma ou mais letras, levar os alunos a conhecerem os sons consonantais.

Segundo Barreto (1924), a grafia da palavra pelos seus elementos fônicos, realizada pelos alunos após o processo de leitura (em cada sentença e em cada palavra, do juízo e da idéia que nelas se ajustam e se imprimem), auxilia no domínio da idéia encarnada na palavra e é apenas um artifício da habilidade humana para representar, com o menor número de sinais combinados, a totalidade de seus pensamentos.

Para justificar a processuação do método analítico para o ensino da leitura e da escrita nesses cinco passos, Barreto afirma que:

Representando o estudo da sentença e da palavra (reconhecimento); da syllaba (isolada e recombinação); e, enfim, da letra, — diferentes graus de esforço psychico — a marcha do methodo analytico no ensino da leitura tem necessariamente, fatalmente de ser dividida por etapas correspondentes. Censuravel seria que o não fizessem, e perturbassem a marcha natural de desenvolvimento do espirito da criança. (BARRETO, 1924, p. 247).

5 A CARTILHA ANALYTICA NO MOMENTO HISTÓRICO DE SUA PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO

5.1 O momento histórico

Desde a instalação do regime republicano no Brasil, em 1889, momento em que a educação passou a ser um meio privilegiado de esclarecimento do povo e de formação do cidadão leitor e detentor de um conjunto de conceitos morais que viabilizassem a instalação desse novo regime político, iniciou-se um processo de busca de uma educação integral e científica e de método de ensino mais adequados para formar o cidadão republicano. Para tanto, executou-se no Estado de São Paulo, a reforma da instrução pública iniciada pelo Dr. Antonio Caetano de Campos, em 1890, a qual

[...] veio oficializar, institucionalizar e sistematizar um conjunto de aspirações educacionais amplamente divulgadas no final do Império brasileiro. Enfeixadas pela filosofia positivista, essas aspirações convergiam para a busca de cientificidade — e não mais o empirismo — na educação da criança e delineavam a hegemonia dos métodos intuitivos e analíticos para o ensino de todas as matérias escolares, especialmente a leitura. (MORTATTI, 2000a, p. 78).

Relacionadas com essa reforma, buscando atender às necessidades dos cidadãos em relação ao aprendizado dos conteúdos escolares e guiadas por uma nova concepção de criança — de caráter psicológico —, as discussões sobre a educação e sobre a pedagogia, conduzidas pelos professores formados pela Escola Normal de São Paulo — os normalistas —, passaram a levar em conta os novos conceitos e os novos princípios trazidos por outras ciências e passaram a priorizar as questões didáticas, ou seja: “[...] o *como ensinar*, com base na definição das habilidades visuais, auditivas e motoras do aprendiz” (MORTATTI, 2000b, p. 44, grifos da autora).

Ainda conforme Mortatti (2000a), a atuação dos normalistas — que, após a proclamação da República, passaram, em substituição aos bacharéis em Direito, a reivindicar e assumir as funções de tematizadores, concretizadores e normatizadores, sobretudo no que se refere ao ensino da leitura — foi caracterizada pela defesa do método analítico para o ensino da leitura e escrita no âmbito de pelo menos dois tipos de disputas inter-relacionadas: a disputa entre os defensores dos métodos sintéticos — que, além de defender esses métodos por considerá-los mais rápidos e eficientes do que os analíticos, continuavam produzindo cartilhas neles baseadas — e os defensores do “novo e revolucionário” método analítico para o ensino da leitura; e a disputa entre os defensores do método analítico — “modernos” e “mais modernos” — travada em torno dos diferentes modos de se processar o método analítico para o ensino da leitura — a palavrção, a sentencição ou a historieta.

Em decorrência dessas disputas, esses normalistas passaram a produzir, no final da década de 1890¹¹ e durante as décadas de 1900 e 1910, uma quantidade significativa de cartilhas baseadas programaticamente nesse método e distintas apenas nos diferentes modos de processação desse método. Isso se deu, uma vez que se acirravam as discussões acerca do método analítico para o ensino da leitura e escrita, baseadas principalmente nas

[...] contribuições da pedagogia norte-americana, divulgadas inicialmente no estado de São Paulo pelas reformas da instrução pública na década de 1890 e posteriormente disseminadas para outros estados brasileiros, por meio de “missões de professores” paulistas. (MORTATTI, 2000b, p. 43).

É importante destacar que outro fator que impulsionou a produção de cartilhas foi o processo de expansão e consolidação do mercado editorial de livros didáticos produzidos por brasileiros e para a escola brasileira; nesse processo teve papel de destaque a Livraria Francisco Alves, com a qual Barreto tinha contrato de publicação da cartilha em análise¹².

¹¹ Nesse período, partindo das discussões acerca do método analítico que se iniciavam entre os “normalistas”, Arnaldo de Oliveira Barreto produziu a sua primeira cartilha, *Cartilha das mães* [1896], baseando-se no método que ele mesmo denominou “analytico-synthetic” e o qual abandonou para defender o método analítico.

¹² Segundo Hallewell (1985), desde o final do século XIX, a Livraria Francisco Alves publicava livros didáticos e, segundo esse pesquisador, foi a primeira editora brasileira que focalizou suas atividades na publicação de livros didáticos, chegando a ter, no início do século XX, o quase-monopólio do campo do livro didático brasileiro e tendo publicado livros, cartilhas, compêndios, etc. muito utilizados nas escolas brasileiras.

Algumas dessas cartilhas produzidas por professores que “[...] assessoravam autoridades da administração educacional e cujas propostas ganharam espaço institucional [...]” (MORTATTI, 2000a, p. 82), foram adotadas oficialmente após a institucionalização do método analítico para o ensino da leitura nas escolas públicas paulistas durante a primeira gestão de Oscar Thompson na Diretoria Geral da Instrução Pública paulista, entre 1909 e 1910.

A oficialização do método analítico¹³ deu-se na fase de expansão do aparelho escolar paulista e de sistematização das “novas orientações” e procurou dar um fim à disputa travada até então entre os defensores dos métodos sintéticos e os defensores dos métodos analíticos, com objetivo de garantir a hegemonia a esses últimos em relação ao ensino da leitura nos grupos escolares da capital e do interior do Estado.

Em síntese, no período compreendido entre 1890 e meados da década de 1920, o método analítico para o ensino da leitura e escrita foi foco central das discussões relacionadas à educação e direcionadas pelos “normalistas”, os quais, na condição de administradores educacionais, divulgaram e ensinaram os professores a aplicarem as novas propostas para o ensino da leitura e escrita por meio das cartilhas por eles produzidas e que tiveram forte repercussão entre os professores primários, nas décadas seguintes, alcançando, assim, dezenas e até centenas de edições.

5.2 Condições de produção da cartilha

Como se pôde observar, o método analítico defendido por Barreto e concretizado em *Cartilha Aanalytica* dialoga diretamente com as discussões sobre o ensino da leitura e escrita ocorridas à época em que foi produzida.

Dentre a produção escrita de Barreto — caracterizada, sobretudo, por material didático para o ensino da leitura e escrita, iniciada em meados da década de 1890 e continuada até o ano de sua morte —, *Cartilha Analytica* pode ser considerada representativa não somente da obra desse educador, mas também do momento histórico de sua produção e circulação.

¹³ Segundo Mortatti (2000a, p. 84), em 1920 o método analítico para o ensino da leitura deixou de ser obrigatório no estado de São Paulo, em decorrência da "Reforma de Sampaio Dória", implementada neste estado por meio da Lei n. 1750, de 1920, que “concedeu” autonomia didática aos professores.

Essa representatividade, que pode ser constatada por meio dos aspectos apresentados até aqui, está diretamente relacionada com a legitimidade e autoridade que Barreto buscou conferir a essa cartilha, explicitando seu objetivo de atender às diretrizes oficiais (pelas quais era um dos responsáveis) para o ensino da leitura e, assim, ter sua cartilha adotada oficialmente.

Como indicativos explícitos desse objetivo, é importante destacar as informações contidas na página de rosto da cartilha, logo abaixo do título: “Baseada sobre rigorosos principios pedagogicos” e “Completamente refundida e posta de accôrdo com as instrucções recommendadas pela Directoria Geral do Ensino Publico de S. Paulo”.

Além dessas informações explícitas, o objetivo de atendimento às diretrizes oficiais se confirma, ainda, no conteúdo da cartilha e no recurso da transcrição, ao final da cartilha e com o título “Modelos de lições”, do documento *Instrucções praticas para o ensino da leitura pelo methodo analytico* — Modelos de lições, expedidas pela Diretoria Geral da Instrução Pública paulista, presumivelmente em 1914, em razão da oficialização do método analítico para o ensino da leitura e com o objetivo de fornecer orientações para a processuação desse método.

Quanto ao objetivo de adoção da cartilha, vale destacar que as *Instrucções praticas...* também serviram de base para a avaliação das cartilhas que passaram a ser adotadas oficialmente após a institucionalização do método analítico. À época, o processo de adoção das cartilhas ocorria da seguinte maneira:

Mediante pareceres de “comissões de especialistas”, essas cartilhas eram indicadas às autoridades educacionais e, uma vez aprovadas, passavam a ser adotadas — entendendo “adoção” como oficialização e aquisição — pelo Estado, para uso nas escolas primárias paulistas, com a finalidade de uniformizar o ensino da leitura. (MORTATTI, 2000a, p. 87).

A partir da informação de que a cartilha foi “Completamente refundida e posta de accôrdo com as instrucções recommendadas pela Directoria Geral do Ensino Publico de S. Paulo.”, pode-se inferir que sua 1ª. edição foi publicada anteriormente à publicação das *Instrucções praticas...*, e, após a expedição dessas instruções, para a elas se adaptar, a cartilha foi refundida.

O objetivo de atender às diretrizes oficiais e ter a cartilha adotada também pode ser observado na dedicatória aos professores Oscar Thompson e Theodoro de Moraes. Como já

informei, além de ter sido responsável pela oficialização do método analítico para o ensino da leitura no Estado de São Paulo, Oscar Thompson foi quem divulgou, no Brasil, o método analítico baseado nos moldes americanos.

Ainda como indicadores desse objetivo do autor e de seu empenho em conferir legitimidade e autoridade à cartilha, tem-se: a transcrição, como epígrafes da cartilha analisada, dos dois “Aphorismos de Pestalozzi”, os quais fundamentam não apenas o método analítico defendido por Barreto, mas também o método intuitivo, cuja difusão ocorreu, no Brasil, desde as últimas décadas do século XIX; e as observações de Barreto orientando o professor a iniciar o ensino da leitura pela cartilha somente depois que tiverem sido dadas as lições das *Instruções praticas...* no quadro negro.

Além dessas explicações publicadas como parte da cartilha, Barreto retoma a discussão sobre os princípios, sobretudo psicológicos, que embasam o método analítico por ele defendido, numa entrevista concedida ao jornal *O Commercio de São Paulo*, em 1916, e num artigo publicado, em 1924, na *Revista da Sociedade de Educação*, dos quais foram extraídas citações constantes do tópico 3 deste artigo.

A todos os aspectos da cartilha apresentados ao longo deste trabalho, deve-se, por fim, destacar que, no terceiro e último parágrafo da “Observação importante” contida ao final da cartilha analisada, Barreto faz um breve comentário acerca da circulação da cartilha e a entusiástica aceitação que teve, por parte das professoras de todas as classes de primeiro ano de todos os grupos da capital do estado de São Paulo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise cujos resultados apresentei aqui propiciou a compreensão dos aspectos inter-relacionados que constituem o sentido da cartilha: formação, atuação profissional e bibliografia *de* e *sobre* Barreto; aspectos estruturais-formais e temático-conteudísticos da cartilha; necessidades e objetivos da elaboração da cartilha; o público a quem se destinava; o contexto histórico de sua publicação e circulação.

Essa análise permitiu concluir que o método analítico proposto por Barreto se baseava na “historieta”, considerada o “todo” a ser “analisado”, gradativa e seqüencialmente, até suas menores “partes” constitutivas (sentenças, palavras, sílabas,

letras), sempre com predomínio da visão do “todo” e condução por parte do professor. Barreto objetivava, assim, conferir legitimidade e autoridade à cartilha, uma vez que esse método correspondia às diretrizes oficiais e aos avanços científicos da época, sendo apresentado como “mais moderno” em relação aos métodos de ensino da leitura então praticados: os métodos sintéticos, considerados “tradicionais”, e o método analítico baseado na palavrção ou na sentencição.

De fato, *Cartilha Analytica* foi utilizada, não somente no estado de São Paulo, mas também em outros estados brasileiros, desde a década de 1910 até pelo menos a década de 1950. Tal repercussão se deve certamente ao fato de *Cartilha Analytica* representar uma síntese do conjunto de princípios e conceitos que passaram a fundamentar as discussões sobre educação e, mais diretamente, sobre o ensino da leitura e escrita: a busca da cientificidade na educação da criança; os conceitos, deduzidos a partir da psicologia da infância, que deveriam guiar o professor nos modos de ensinar; os novos métodos de ensino; a hegemonia dos métodos intuitivos e analíticos para o ensino de todas as matérias, principalmente da leitura; os princípios que deveriam encaminhar o método analítico; um ensino que levasse em conta o desenvolvimento e interesse da criança.

Desse modo, a cartilha analisada parece ter facilitado o acesso dos professores a essas discussões e, principalmente, à prática do método analítico para o ensino da leitura e escrita o que a torna representativa de um importante momento da história da alfabetização no Brasil.

REFERÊNCIAS

BARRETO, A. O. *Cartilha Analytica*. 27.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1926.

BARRETO, A. O. O ensino da leitura pelo methodo analytic (Entrevista com o sr. Prof. Arnaldo de Oliveira Barreto). *O Commercio de São Paulo*. n.3673, p. 1, 4.6.1916.

_____. O methodo analytic. *Revista da Sociedade de Educação*, São Paulo, v.2, n. 6, p. 235-247, jun. 1924.

BERNARDES, V. C. *Bibliografia de e sobre Arnaldo de Oliveira Barreto*. Marília, 2002. Não publicado.

BERNARDES, V. C. *Um estudo sobre “Cartilha Analytica”, de Arnaldo de Oliveira Barreto*. 2003. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

D’ÁVILA, A. René e Arnaldo Barreto. *Educação*, São Paulo, v.33, n.46/47, p. 230-233, jan./jun. 1945.

HALLEWELL, L. Francisco Alves. In: _____. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 1985. p. 197-222.

HARRIS, T. L.; HODGES, R. E. (Org.). *Dicionário de alfabetização: vocabulário de leitura escrita*. Tradução de Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

MELO, L. C. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: [s.n.], 1954. (Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo).

MORTATTI, M. R. L. *Os sentidos da alfabetização* (São Paulo – 1876/1994). São Paulo: UNESP; Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2000a.

_____. *Cartilha de alfabetização e cultura escolar: Um pacto secular*. *Cadernos CEDES*, v. 19, n.52, p. 41-54, nov. 2000b.

REVISTA DE ENSINO, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 291-294, jun. 1902.

ARTIGO RECEBIDO EM 2007
